

## O USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO NA REGIÃO DO CARIRI-CE

Bárbara Olímpia Ramos de Melo – UESPI/ UFC/CNPq  
 Maria Elias Soares - UFC

### 0 Introdução

Este artigo tem o intento de analisar, na Região do Cariri - CE, a variação no uso das formas *tu*, *ocê*, *o(a) senhor(a)* e zero, ou seja, a ausência de pronome, considerando as variáveis faixa etária e escolaridade, em uma amostra de fala extraída de entrevistas do *corpus* do PROFALA, verificando-se fatores que condicionam a preferência por uma das formas ou a co-ocorrência entre as formas *você/senhor* e *tu/você*, encontrada na fala de alguns sujeitos da pesquisa.

Neste estudo, investigaremos a fala de dois grupos de sujeitos: os entrevistadores e os informantes. Na análise da fala dos entrevistadores não será possível verificar a variação faixa etária e escolaridade, pois todos eles possuíam a mesma escolaridade (alunos de pós-graduação *lato senso* em Linguística), estavam na mesma faixa etária (25-50 anos) e eram moradores da Região do Cariri; porém verificaremos o uso que fazem das formas de tratamento, considerando estas variáveis nos seus interlocutores. Já na fala dos informantes será possível verificarmos as variáveis faixa etária e escolaridade, uma vez que há informantes pertencentes a três faixas etárias (I - 15 - 24; II - 25 -50 e III - mais de 50 anos) e quatro graus de escolaridade distintos, correspondentes aos anos de estudo (0 - 04, 05 - 08, 09 a 11 e mais de 11).

A presente pesquisa foi motivada a partir dos dados de Soares (1980 e 2003), que estudou o uso das formas de tratamento na cidade de Fortaleza-CE, com o objetivo de identificar os fatores lingüísticos e sociais que determinam o uso de tais formas. Os dados, relativos a aproximadamente 100 informantes, foram obtidos através de entrevistas gravadas, de questionários e de observação assistemática. A pesquisadora constatou que existe em Fortaleza um sistema ternário das formas pronominais de tratamento com um uso muito variado, tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, ocorrendo variação entre *tu* e *você* ou entre *você* e *o(a) senhor(a)*, conforme se tome ou não o plano da intimidade. Constatou, ainda, que a regra de concordância entre o pronome sujeito e as formas oblíquas é comumente aplicada. Já a regra de concordância entre o pronome sujeito *tu* e o verbo tende a não ser aplicada na linguagem da maioria das pessoas. Outro aspecto ressaltado pela autora é a tendência à exclusão do pronome sujeito quando há apelativos na frase. Observando, então, os dados demonstrados nos estudos de Soares, decidimos verificar como se comportam os falantes da Região do Cariri-CE sobre o uso das formas de tratamento, uma vez que não há estudos que investiguem o aspecto discutido na Região e também porque construímos a hipótese de que os achados na pesquisa de Soares serão evidenciados também na região do Cariri-CE.

Além dos trabalhos de Soares (1980 e 2003), podemos citar Modesto (2006), Santos (2003) e Loregian-Penkall (1996 e 2004) cujas pesquisas tematizaram aspectos das formas de tratamento em São Paulo, Rio de Janeiro e na Região Sul do Brasil, respectivamente. Tais pesquisas serão detalhadas na fundamentação teórica. Também na fundamentação teórica, discutiremos, ainda que brevemente, os trabalhos de Monteiro (1991), Ilari et al. (2002) e Silva (2003).

O português, como outras línguas também neolatinas, possui diversos pronomes de tratamento específicos para se referir ao interlocutor de maneira cerimoniosa, reverente, formal e informal. No entanto, apenas três palavras exercem verdadeiro papel de pronome pessoal no discurso cotidiano da língua: o pronome pessoal *tu*, o substantivo *senhor* e o pronome de tratamento *você*. O emprego difundido e corriqueiro de tais formas questiona definições e sistematizações já postuladas e, diferentemente de outras línguas, o uso e a classificação destas palavras se diferenciam dentro da peculiar realidade de nosso português do Brasil.

Conforme do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a primeira diferença que salta aos olhos é a classificação das palavras: *tu* é pronome pessoal do caso reto, *você* é um pronome de tratamento enquanto *senhor* é definido como um substantivo masculino que pode ser usado como tratamento cerimonioso. Também as gramáticas normativas apresentam informações díspares sobre as formas *tu/você/senhor*, aspecto que será aprofundado a seguir.

## 1 Discutindo o enquadramento teórico

### 1.1 A perspectiva das gramáticas normativas acerca das formas de tratamento e pronomes de tratamento

Geralmente, as gramáticas apresentam o tratamento no quadro dos pronomes, como uma subclasse dos pronomes pessoais, em função de sujeito e incluem outras formas que valem como pronome. Podemos constatar isso na definição de pronome pessoal proposta por Almeida (2004, p. 170) “pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo em que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a pessoa gramatical”. Em seguida o autor apresenta a classificação dos pronomes pessoais em: reto, oblíquo e de tratamento, enfatizando que “os pronomes de tratamento são as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical”. (ALMEIDA, 2004, p. 171).

Ao tratar da concordância dos pronomes possessivos com as pessoas gramaticais, Almeida (2004, p. 180) faz a seguinte observação:

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª pessoa do singular, e consideram ríspido o ‘*você*’) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com quem falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, *senhor*, *vossa senhoria*. Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical (...)

Numa perspectiva semelhante à anterior, embora bem mais restrita, Sacconi (1994) trata as formas de tratamento como categoria dos pronomes pessoais e os caracteriza da seguinte maneira: “os pronomes de tratamento são usados no tratamento cortês e cerimonioso” (SACCONI, 1994, p. 160). Em seguida o autor lista treze pronomes de tratamento, sendo os dois primeiros ‘*você*’ e ‘*senhor*’. O autor não considera a forma *tu* como uma forma de tratamento.

Já Proença Filho (2003), apesar de considerar as formas de tratamento como uma categoria dos pronomes pessoais, apresenta uma definição um tanto vaga:

Há determinadas palavras que também designam pessoas do discurso. Funcionam como pronomes pessoais, mas de maneira especial. Com uma delas representamos e primeira pessoa do discurso. Com várias outras nos dirigimos à segunda e nos referimos à terceira pessoa do discurso. São conhecidas como pronomes de tratamento, formas pronominais de tratamento ou formas substantivas de tratamento. A primeira pessoa é representada por *a gente*. As demais por *você*, *o senhor*, *a senhora*, *a senhorita*, e uma série de formas de reverência (p. 407).

A respeito das formas *tu* e *você* o autor, na página seguinte, se coloca da seguinte forma: “*você* é, para a maioria da população do Brasil, tratamento de intimidade (...). Em alguns lugares do Brasil, dá-se preferência ao *tu*, como em Portugal” (PROENÇA FILHO, 2003, p. 471).

Para Cunha (1980),

denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência* (...). Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª.), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa. (p. 291).

Cunha (1980), entretanto, exclui os pronomes pessoais retos de 2ª pessoa (*Tu e Vós*) das formas de tratamento, por julgá-los formas “mortas” no Brasil. Segundo Cunha, a forma *tu* só existe no extremo sul do país e esporadicamente no norte.

Cereja; Magalhães (1999) apresentam os pronomes de tratamento de forma mais autônoma em relação aos pronomes pessoais: “São palavras e expressões para tratar cerimoniosamente o interlocutor” (p. 132). Curioso que os autores enfatizam a questão do caráter cerimonioso, mas logo abaixo da definição trazem o seguinte exemplo, para ilustrar a definição dada por eles: “*Você se lembrou de comprar o pão para o lanche*” (p. 132); que nos parece ser um trecho de um diálogo um tanto informal.

Em relação ao emprego do *tu* e do *você*, Cereja; Magalhães (1999) trazem a nota a seguir:

As duas são válidas. Embora no Brasil a maioria das pessoas empregue o pronome de tratamento *você* para se dirigir ao interlocutor, em algumas cidades do Sul, do Norte e dos Nordeste predomina o emprego do pronome pessoal reto *tu*. O importante, no padrão culto da língua, é não misturar as formas: ou se usa somente a segunda pessoa (*tu*) ou somente a terceira pessoa (*você*). Na linguagem coloquial, entretanto, é comum haver mistura de tratamento.

Bechara (1987:96) afirma que só existem duas formas de tratamento no português brasileiro: *você, vocês* (no tratamento familiar); e *o senhor, a senhora* (no tratamento cerimonioso). Note-se que são classificações genéricas, e que muitas vezes não correspondem à realidade lingüística em que estamos inseridos.

Podemos perceber, então, que as opiniões dos autores das gramáticas inclinam-se para a postulação de que as formas de tratamento no Brasil estão reduzidas a duas: *você*, como forma de intimidade, usado no tratamento familiar, e *o senhor*, como forma de respeito, usado no tratamento cerimonioso.

## 1.2 O que evidenciam as pesquisas acadêmicas?

Objetivando apresentar um contraponto aos dados explicitados na seção anterior, no que diz respeito à perspectiva apresentada nas gramáticas normativas sobre as formas de tratamento, apresentamos dados resultantes de estudos desenvolvidos na academia sobre a questão focada neste artigo.

Como podemos constatar, de acordo com Soares (1980), as afirmações de Cunha (1980), Sacconi (1994), Cereja; Magalhães (1999), Proença Filho (2003), e Almeida (2004) apresentam, pelo menos, dois aspectos questionáveis. O primeiro deles é o fato de o tratamento ficar restrito apenas aos pronomes pessoais, deixando de reconhecer a importância dos apelativos (vocativos), de outras referências ao interlocutor e até da ausência de referência como dados significativos para entender o significado da interação verbal. Tanto um enunciado que contém sujeito explícito (*Tu, Você ou Senhor*), quanto outro com referência à pessoa verbal, demonstrativa ou possessiva, ou apenas com vocativo, dão conta da nomeação do interlocutor e da indicação das relações sociais que o falante com ele estabelece.

O segundo problema diz respeito à noção de pessoa. A categoria de pessoa remete para o ato de fala e está presente no verbo e no pronome, estabelecendo-se entre ambos o que se pode chamar de concordância. Esta categoria relaciona o homem aos processos, e é redundante em Português. Por isso a indicação pronominal de pessoa pode ser omitida nesta língua.

Ilari et al. (2002) descrevem o sistema dos pronomes pessoais do português brasileiro, em que, levando em consideração diversos fatores como sexo, faixa etária, registro, entre outros, constatam que há uma grande instabilidade no sistema pronominal, com gradual desaparecimento de algumas formas e aparecimento de outras.

Contrapondo às postulações das gramáticas normativas sobre os usos do *tu* e do *você*, Ilari et al. (2002, p. 85) fazem as seguintes observações:

A forma *você*, originada de uma forma de reverência (*vossa mercê*), é considerada nas gramáticas um pronome de tratamento. De fato esta forma comuta com *senhor*, ou com *vossa senhoria*, indo o verbo da oração para terceira pessoa. Entretanto *você* suplanta no Brasil a forma *tu*<sup>1</sup>, (...).

Ilari et al. (2002) acreditam que uma das possibilidades de análise do *tu* é a precisa delimitação da área geográfica em que ocorre o seu uso, levando em consideração fatores de tipo social como classe, idade, entre outros. Ainda ressaltam que cabe estabelecer se tal ocorrência se trata de variação ou de mudança.

Monteiro (1991, p. 222) acredita que “o sistema dos pronomes pessoais (...) está sofrendo uma profunda reestruturação, provavelmente correlacionada a uma simplificação do paradigma da conjugação verbal.” Para o lingüista,

a extinção do sujeito *vós* acarreta também a do objeto *vos* e do ajunto *vosso*. Todas essas formas são substituídas por *você(s)*. Gera-se, por outro lado, um novo desequilíbrio com a desvalorização do *tu* e o pronome *você* se generaliza no Brasil como expressão do tratamento de intimidade. (233).

O autor alerta, porém, que quando ocorre a forma *tu*, freqüentemente esta aparece sem a desinência da segunda pessoa. Fato que foi constatado em Soares (1980).

Sobre a forma *senhor (a)*, Ilari et al. (2002) afirmam que “talvez o nosso quadro de pronomes pessoais em português devesse incluir, na segunda pessoa, *o senhor/ a senhora*.” Consideram o uso de

---

<sup>1</sup> Os autores se reportam às ocorrências, a partir dos inquéritos do NURC, das formas alternantes para a segunda pessoa do singular.

tal forma de tratamento em situações cerimoniosas, formais, de respeito. Soares (1980:91) faz outras considerações sobre um ‘suposto’ tratamento mais formal

Fazer generalizações pode apresentar alguns perigos porque, não raro, ocorre de uma forma de respeito ser usada para ironizar ou criticar o comportamento de alguém que tenta firmar-se num papel que não é o seu. Assim, quando uma empregada é tratada por um feirante de **madame**, ou um empregado subalterno de **chefe** e **senhor** (aparecem também outras formas em contextos e pessoas diversas como **majestade**, **excelência**, etc.) está evidente, da parte de quem trata, a intenção de distanciar (pois esse tratamento pode vir também de superiores), ou pôr em dúvida e ironizar certas atitudes do interlocutor.

A perspectiva de Soares (1980) aproxima-se do pensamento de Rodrigues, apud Modesto (2003: p. 29)

O termo *senhor*, muitas vezes, é considerado pejorativo, indicando, supostamente, ou que a pessoa com quem falamos é bem mais velha (o que não é educado, segundo a ‘etiqueta’) ou uma frieza, uma distância entre as pessoas. *Senhor* é empregado quando se quer deixar claro que não há intimidade, em situações formais da sociedade de consumo capitalista (relações ‘cliente-fornecedor’) ou quando se quer marcar a distância entre os falantes, não importando se de inferior para superior ou vice-versa. Isto quer dizer que a ‘autoridade’, o ‘respeito’ e a ‘cortesia’ que eram inerentes ao termo já não estão tão presentes, sendo associados mais comumente à distância de idade, grupo, hierarquia, classe social.

A pesquisa de Modesto (2006) objetivou descrever e explicar o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos - SP, levando em consideração aspectos sociolinguísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas. O trabalho apresentou um estudo quantitativo das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, buscando os fatores relevantes para a primeira das duas abordagens sugeridas, além de fazer algumas considerações acerca da segunda abordagem. Constituíram o *corpus* 20 inquéritos correspondentes a textos conversacionais realizados entre falantes santistas. O pesquisador constatou que há na comunidade a coocorrência das formas *tu* x *você* e *senhor*, sendo que para cada uma delas existe um contexto, uma situação que propicia e instiga seu uso. As formas *tu* e *você* podem ocorrer num mesmo contexto, porém, a forma *tu* sofre estigmatização por parte da comunidade, preferindo-se conscientemente o uso de *você*. Já a forma *senhor/senhora* fica restrita às situações de poder: maior formalidade e respeito, como nas relações hierárquicas familiares e profissionais.

Modesto (2006) concluiu, ainda, que a forma *tu* apresenta uma tendência a ser usada em contextos de menor monitoramento, menor tensão e maior envolvimento, assim como a variante da forma *você*, *cê*. Quanto à forma *senhor*, esta tende a ser empregada em situações de maior monitoramento, maior tensão e menos envolvimento entre os interlocutores. Conforme o pesquisador, essas conclusões não anulam outras possibilidades de uso desta forma, como por exemplo, nas relações hierárquicas familiares, em que pode se apresentar num contexto de maior envolvimento entre os interlocutores. A forma *você* aparece em contextos variados, evidenciando seu papel cada vez mais genérico e claro de pronome de segunda pessoa e se mostrando como possível substituto para a forma *tu*. Contudo, o autor afirma que sua utilização é mais evidente em contextos em que ocorre menor monitoramento, maior tensão e maior ou menor envolvimento.

Loregian-Penkall (1996) procurou descrever de que forma se processa a escolha de *tu/você* para estabelecimento da referência à segunda pessoa do singular na fala de moradores de cinco cidades catarinenses: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. Para tanto, foi analisada a fala de 12 informantes do Ribeirão da Ilha e 24 informantes das demais cidades, distribuídos em duas faixas etárias, três níveis de escolaridade e os dois gêneros. A pesquisa contou com o suporte da metodologia variacionista, utilizada para descrever e analisar a variação e a mudança linguística. A autora concluiu, ainda, que o uso de *você* é maciço em Lages e, em menor proporção, em Blumenau.

Quanto à distribuição dos pronomes *tu/você*, Loregian-Penkall (2004) encontrou um predomínio do uso de *você* no Paraná; uma ocorrência maior de *tu* no Rio Grande do Sul e uma distribuição bastante heterogênea em Santa Catarina, com Lages apresentando uso majoritário de *você*, seguida por Blumenau. Em Chapecó houve equilíbrio no uso dos dois pronomes, mas com pesos relativos elevados de uso de *tu*. Já nas localidades do litoral de SC (Florianópolis e Ribeirão) aparece uso majoritário da flexão canônica de segunda pessoa.

A pesquisadora conclui que o pronome *tu* permanece sendo uma forma bastante produtiva na linguagem oral. A autora sugere que as freqüentes generalizações de que “o pronome *você* substituiu/

está substituindo o *tu* no PB” deveriam ser revistas, uma vez que não é isso que os dados reais mostram, haja vista que todas as localidades analisadas também compõem o PB. Além disso, conforme Loregian-Penkak (2004), há locais em que o pronome *você* vem sendo utilizado há bastante tempo, sem registro de etapa anterior de uso de *tu* (Curitiba, por exemplo).

Já a pesquisa de Santos (2003), com base em um *corpus* da língua falada no Rio de Janeiro, evidenciou um sistema ternário, em que o *tu* é usado com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular. Vejamos a seguir a caracterização proposta pela autora (SANTOS, 2003, p. 23):

- **Tu** → Seguido da flexão verbal de terceira pessoa do singular é usado em contexto de grande informalidade, podendo significar proximidade, intimidade e afetividade. Normalmente, é utilizado por amigos íntimos e jovens. Ex.: Tu é muito legal!
- **Você** → Usado em todas as ocasiões é considerado uma forma padrão. Desde que não seja usado como nos contextos anteriores, é uma forma de não pôr em risco a face do ouvinte. Ex.: Você está bem hoje.
- **O Senhor / A Senhora** → Usado para falar com o chefe quando há uma considerável diferença de idade ou com pessoas mais velhas. Pode ser usado, também, por crianças ao dirigirem-se a seus pais ou por empregados ao dirigirem-se as suas patroas. Existe um caso específico em que é usado para enfatizar uma ordem, como uma mãe falando com seu filho, a fim de chamar sua atenção. Ex.: A senhora deseja a salada agora?

Para Santos (2003), os pronomes podem ser caracterizados quanto à formalidade e distanciamento, ou seja, segundo dois eixos e quatro níveis de tratamento.

**Quadro 01. Classificação proposta por Santos (2003) para os pronomes de tratamento**

Formal / distante	o Senhor / a Senhora
Semi-formal / meio distante ou informal / próximo	Você
Informal / distante	Enunciado muito particular como forma de tratamento + estrutura sintática “Dá pra...?”
Muito informal / muito próximo	Tu

Silva (2003) estabelece quatro níveis para as formas de tratamento: formas pronominalizadas, formas nominais, formas vocativas e formas referenciais (cf. p.171). As *formas pronominalizadas* são palavras ou expressões que equivalem a verdadeiros pronomes de tratamento, como por exemplo, *você, senhor e senhora*. As *formas nominais* são constituídas por nomes próprios, nomes de parentescos e nomes de funções (por exemplo, *João, tio, professor*). As *formas vocativas* são palavras desligadas da estrutura argumental e usadas para designar ou chamar a pessoa com quem se fala (*Professora, você já leu meu artigo?*). As *outras formas referenciais* são palavras usadas como referência à pessoa de que se fala. (*A coordenadora disse que a matrícula será on-line*).

Finalmente, os dados presentes em Soares (1980: p, 34) sobre a variedade do português falado em Fortaleza apresentam um sistema ternário das formas de tratamento:

- tratamento deferencial ou não-íntimo: **o senhor, a senhora** como sujeito, e o título **Doutor (a), Professor (a)** etc, **Senhor (a), Seu, Dona, Senhorita**, precedendo ou não o primeiro nome como vocativo. É comum o uso da patente quando o interlocutor é militar ou mesmo civil, de mais idade.
- tratamento não-deferencial e não-íntimo: **você**.
- tratamento não-deferencial e íntimo: **tu e você**.

Ainda conforme Soares (1980), o uso das formas de tratamento é variável tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, ocorrendo alternância entre *Tu e Você* ou *Você e o (a) Senhor (a)*. Os fatores que determinam a preferência por uma dessas formas estão relacionados com a situação de discurso e com o papel social desempenhado pelos interlocutores. São mais seguros fatores como a idade e o grau de intimidade de cada um dos atores de ato comunicativo. Dependendo das características dos interlocutores, quaisquer das três formas podem ser combinadas para expressar um tratamento igualitário ou deferencial.

## 2 Metodologia

O *corpus* deste estudo é constituído de entrevistas conhecidas como DID (diálogo entre informante e documentador), pertencentes ao corpus do Projeto ELOC (Estudo da Língua Oral do Cariri), que passou a integrar o projeto PROFALA (Variação e Processamento do Discurso: Análises e

Aplicações), da Universidade Federal do Ceará. O Projeto coletou dados na Região do Cariri-CE, especialmente Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro, Várzea Alegre, Altaneira, Mauriti, Caririagu e Brejo Santo. Alunos de um curso de pós-graduação *lato-sensu*, sob a coordenação da Doutora Maria Elias Soares, realizaram as entrevistas, com informantes de sexo, faixa etária e escolaridades diferentes.

No primeiro momento, os inquiridos apresentam relatos de caráter impessoal sobre alguma atividade, resultando em diálogos dirigidos pelo entrevistador. No segundo momento, trazem narrativas de caráter intimista em que se relata alguma experiência vivida pelo informante. Tais entrevistas seguem o método de Labov (1970), em que os informantes, apesar de suas falas estarem sendo gravadas, desconhecem a finalidade deste registro, o que torna seu discurso mais espontâneo.

Segundo Labov (1970), não importa que outros métodos possam ser usados para obter exemplos de fala (sessões de grupo, observações anônimas), o único modo de se obter bons dados é a entrevista individual gravada, pois possibilita uma observação sistemática.

Quanto à presença do fenômeno investigado, concordamos com Modesto (2003:19) ao afirmar que:

O estudo sociolinguístico do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno em exame. Diferente de um fonema ou de uma estrutura sintática, que podem ocorrer inúmeras vezes ao longo do depoimento de um mesmo informante, o tratamento é de baixa frequência, visto que se restringe, usualmente, às eventuais referências ao interlocutor.

Os sujeitos deste estudo são constituídos pelos entrevistadores e pelos informantes dos inquiridos. Na análise da fala dos entrevistadores não será possível verificar a variação faixa etária e escolaridade, pois todos eles possuíam a mesma escolaridade (alunos do curso de pós-graduação *lato-sensu* em Linguística) e estavam na mesma faixa etária; porém verificaremos como se comporta o uso que fazem das formas de tratamento, considerando estas variáveis nos seus interlocutores. Já na fala dos informantes será possível verificarmos as variáveis faixa etária e escolaridade, uma vez que teremos informantes pertencentes a três faixas etárias (I=15 – 24; II= 25 -50 e III= mais de 50 anos) e quatro graus de escolaridade distintos, correspondentes ao número de anos de estudo (0 – 04, 05 – 08, 09 a 11 e mais de 11 anos de estudo).

Selecionamos as entrevistas conduzidas por 10 entrevistadores, sendo que cada entrevistador interagiu com 3 ou 4 informantes, totalizando 36 inquiridos. Os informantes foram agrupados em doze classes, com características apresentadas no quadro 01.

**Quadro 02: Classes dos informantes**

Classe	Faixa Etária	Escolaridade	Nº
1	15-24	0-4	3
2	15 - 24	5-8	3
3	15- 24	8 - 11	3
4	15 - 24	+11	3
5	24 - 50	0-4	3
6	24 - 50	5-8	3
7	24 - 50	8-11	3
8	24 - 50	+11	3
9	+ 50	0-4	3
10	+ 50	5-8	3
11	+ 50	8-11	3
12	+ 50	+11	3
TOTAL			36

Para encontrarmos as doze classes, dividimos as duas variáveis: faixa etária com três intervalos e escolaridade, com quatro intervalos. Os intervalos, tomados nas duas variáveis, relacionam-se entre si, de modo que em cada classe se possam detectar certos usos presentes em uma dada faixa etária com dada instrução.

### 3 Discussão dos dados

Analisaremos, primeiramente, os inquiridos de forma global, objetivando classificar e quantificar as formas de tratamento utilizadas pelos sujeitos. Posteriormente, serão discutidos os dados

com base nas variáveis consideradas na pesquisa, transcrevendo-se alguns trechos das falas dos sujeitos para ilustrar os fenômenos comentados.

### 3.1 Tratamento dado aos informantes pelos entrevistadores

Neste item, apresentaremos duas tabelas. Na primeira delas, quantificamos globalmente as formas de tratamento utilizadas pelos entrevistadores ao se dirigirem aos informantes; na segunda tabela, serão apresentados os dados referentes aos entrevistadores, conforme as variáveis consideradas: escolaridade e faixa etária.

Na fala dos entrevistadores, apareceram as seguintes formas de tratamento: *você*, *senhor*, *tu*, *você/senhor*, *tu/você*. As duas últimas formas se manifestaram da seguinte maneira: em alguns momentos o entrevistador se referia ao entrevistado por *você*, em outros por *senhor*; e ora se referia por *tu*, ora, por *você*, respectivamente, conforme a tabela 01, a seguir.

**Tabela 01: Formas de tratamento utilizadas pelos entrevistadores**

VOCÊ	SENHOR	TU	VOCÊ/SENHOR- usado ao dirigir-se ao mesmo interlocutor	TU/VOCÊ- usado ao dirigir-se ao mesmo interlocutor
14	15	0	04	03

Estes dados nos levam às seguintes evidências:

1 – as formas *você* e *senhor* foram utilizadas praticamente na mesma proporção;  
2 – a forma *tu* não aparece de forma ‘pura’ em nenhum inquérito, ou seja, durante toda a entrevista;

3- houve sete casos (04 *você/senhor* e 03 *tu/você*) em que os entrevistadores usaram duas formas para se referirem ao mesmo interlocutor, ou seja, o tratamento dispensado ao informante oscila tanto para a proximidade quanto para o distanciamento.

Sobre o uso alternado *você / senhor* e *tu / você*, em Fortaleza – CE, Soares (1980: p. 88) faz a seguinte reflexão:

Os resultados da pesquisa realizada em Fortaleza demonstram a existência, nesta cidade, de um sistema ternário das formas pronominais ou pronominalizadas, na função de sujeito: Tu / Você / O senhor (a senhora). Demonstram também que o uso dessas formas é variável tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, ocorrendo alternância entre Tu e Você ou Você e o Senhor (ou a senhora).

A seguir, na tabela 02, temos o percentual das formas de tratamento usadas pelos entrevistadores, relacionadas com as variáveis faixa etária e escolaridade de seus interlocutores, ou seja, dos informantes. Enfatizamos que as variáveis que aparecem na tabela a seguir dizem respeito aos informantes, pois, conforme já explicamos na metodologia, todos os entrevistadores pertenciam à mesma faixa etária e tinham mais de onze anos de estudos.

**Tabela 02: Formas de tratamento utilizadas pelos entrevistadores, levando-se em consideração as variáveis estudadas.**

Classe	Faixa Etária	Escolaridade	FORMA USADA PELO ENTREVISTADOR				
			TU	VOCE	SENHOR (A)	TU/VOC.	VOC/SENH.
1	15-24	0-4		70%			30%
2	15 - 24	5-8		100%			
3	15- 24	8 - 11		70%		30%	
4	15 - 24	+11		70%		30%	
5	24 - 50	0-4			70%		30%
6	24 - 50	5-8		30%	70%		
7	24 - 50	8-11		70%	30%		
8	24 - 50	+11		70%		30%	
9	+ 50	0-4			100%		
10	+ 50	5-8			70%		30%
11	+ 50	8-11		70%			30%

12	+ 50	+11		100%			
----	------	-----	--	------	--	--	--

A escolaridade, conforme os dados dos inquéritos analisados, pode levar a relações de simetria ou assimetria. Constatamos que quando há um maior distanciamento no grau de escolaridade dos sujeitos, os entrevistadores tendem a ser mais formais, utilizando a forma *senhor*; ou a variação *senhor/você*. Esse fato foi constatado nos inquéritos em que os entrevistadores (alunos de pós-graduação) interagem com informantes com grau de escolaridade 0-4, sendo muito recorrente o uso da forma *senhor (a)*, mesmo estando ambos na mesma faixa etária, com exceção para os informantes bem mais jovens. Já os informantes, na quase totalidade, usam *você*; ou a forma zero, ocorrências que poderão ser visualizadas na Tabela 04.

Vejam os exemplos a seguir, em que ambos estão na mesma faixa etária e o informante é analfabeto.

(01) **DOC:** *O que o senhor pensa sobre o Padre Cícero?*

**INF:** *rapaiz prá mim é ua pessoa' MUNTO BOM ' graças a Deus*

**DOC:** *O senhor vai à festa do Padre Cícero?*

**INF:** *todo ano (+) (baixo) dia vinte e quatro de MALÇO*

**DOC:** *O senhor também vai à missa no dia 20?*

**INF:** *SÓ SÊU TIVÉ DUENTE qui num vô mar nunca pér:co ' não*

**DOC:** *Eu queria agradecer ao senhor por essa entrevista. Muito obrigado.*

**INF:** *algua coisa qui você pricisá de mim: pode vim ' pode se dispor' queu tô aqui pra isso VIU"*

(Inf 09, F E. II Esc. 0-4)

Verificamos, no trecho acima, que o entrevistador usa sempre a forma *senhor*; já o informante, na única vez em que se refere ao seu interlocutor, usa a forma *você*. Situação diferente da acima descrita pode ser ilustrada a seguir, com o exemplo (02).

(02) **DOC:** *Você usou o trem aqui do Crato? (...)*

**INF:** *e o Crato é piô do que até a capital ainda hoje, quando uma moda' quando surge uma novidade no Rio de Janeiro o Crato já tá fazendo' já tá usando e Fortaleza ainda tá esperando ((risos)) vê na televisão' pra pensá se vai usá o Crato sempre foi muito avançado, (+) é como dizem muito que: em Crato você sabe que existe a a competição de Crato com Sobral, né" e.: Juazêro com o Crato, que dizem que o povo de Juazeiro é um povo mais trabalhado e realmente é, e o povo do Crato amarra o cinto e vam-vamos/*

**DOC:** *O que é que você mais recorda do seu tempo de criança com seus pais?*

**INF:** *num sei se você conhece Veiga" Veiga' e tanta gente' Braga que é nosso irmão' de doutrina' (+) me surpreendi quando eu cheguei aqui ((risos)) e eu vi num trono' foi meu aluno e muitos outros queu nem me recordo mais o nome' hoje é tudo casado' é: moram fora' outros já: são juiz por aí afora também,*

(Inf. 99, F.E. III Escol.+ 11 anos )

Como podemos verificar nos trechos acima, ambos – entrevistador e informante se tratam por *você*. O que é peculiar é que o entrevistador é mais jovem, porém os anos de escolaridade se aproximam: ambos possuem mais de onze anos de estudo. Este exemplo nos mostra que escolaridade semelhante pode levar a uma simetria nas formas de tratamento.

### 3.2 Tratamento dado aos entrevistadores pelos informantes

Neste item seguiremos a mesma estratégia utilizada no item anterior, ou seja, primeiro, discutiremos os dados de forma global (tabela 03) e, posteriormente, na tabela 04, a análise considerará as variáveis faixa etária e escolaridade.

As formas de tratamento utilizadas pelos informantes aparecem com uma configuração diferenciada, ou seja, além das formas encontradas nas falas dos entrevistadores, aparecem vocativos ou apelativos, como, por exemplo, *homem, rapaz, mulher e minha filha* e nenhuma forma de tratamento para se referir ao interlocutor. Neste caso, denominaremos por zero, seguindo Soares (1980).

A respeito dos apelativos, Soares (1980) afirma que estes não obedecem a um sistema definido como o pronominal. Mas comportam um certo grau de previsibilidade e podem ser classificados segundo as relações de poder e de solidariedade conjugadas com fatores como formalidade, ocasionalidade, tensão, intimidade e deferência. Assim, estas formas são também eficazes para indicar simetria ou assimetria.

Sobre o zero, ou seja, a ausência de forma pronominal, Soares (1980) afirma que é muito comum a omissão do tratamento na posição de sujeito, usando-se apenas a forma verbal (não-marcada), nas relações ocasionais ou muito diferenciadas, como um recurso para manter a distância

entre as pessoas. Esta omissão também ocorre em outros contextos, mas é geralmente compensada pelo uso de vocativos que expressam a relação mantida entre os interlocutores. Há, ainda segundo a autora, uma tendência a omitir-se o sujeito quando há vocativos na frase ou ao uso da forma neutra *você* com apelativos que expressam respeito ou deferência.

Vejam os dados na tabela 03, a seguir.

**Tabela 03: Formas de tratamento utilizadas pelos informantes**

VOCÊ	SENHOR	TU	VOCE/SENHOR – ao dirigir-se ao mesmo interlocutor	TU/VOCÊ – ao dirigir-se ao mesmo interlocutor	ZERO
16	02	0	03	02	13

Observando os dados acima, levantamos os seguintes pontos:

- 1- a forma *você* é a grande favorita dos informantes e *senhor* só aparece em cinco, sendo que em três deles o informante usou alternando com a forma *você* inquiridos;
- 2- as formas *você/senhor* e *tu/você* também se manifestam nas falas dos informantes.
- 3- a forma zero, que não teve manifestação na fala dos entrevistadores, aparece em quantidade significativa e seria aquela que Santos (2003) classifica como informal distante; e, não marcada por Soares (1980: p, 35).

Podemos constatar que também na região do Cariri existe um sistema ternário, sendo que a forma *tu* por ser usada, geralmente, em situações de tratamento não-deferencial e íntimo, conforme Soares (1980), não se manifestou de forma significativa pelo fato de o contexto comunicativo em que foi coletado o *corpus* não possibilitar um tratamento íntimo, pois, embora a intenção na condução dos inquiridos tenha sido no sentido de estabelecer conversas sobre fatos do cotidiano, criando em certo grau de espontaneidade, o inquirido não exclui a formalidade de qualquer instrumento de pesquisa.

A seguir, na Tabela 04, podemos visualizar o uso das formas de tratamento relacionadas às variáveis consideradas: faixa etária e escolaridade.

**Tabela 04: Formas de tratamento utilizadas pelos informantes.**

Classe	Faixa Etária	Escolaridade	FORMA USADA PELO INFORMANTE					
			TU	VOCE	SENHOR (A)	TU/VC	VC/SENH.	ZERO
1	15-24	0-4		30%				70%
2	15 - 24	5-8		70%				30%
3	15- 24	8 - 11		100%				
4	15 - 24	+11		100%				
5	24 - 50	0-4		30%	30%			30%
6	24 - 50	5-8		70%				30%
7	24 - 50	8-11		70%				30%
8	24 - 50	+11		100%				
9	+ 50	0-4						100%
10	+ 50	5-8			30%			70%
11	+ 50	8-11		30%			30%	30%
12	+ 50	+11		70%		30%		

O percentual de formas zero é bastante alto na fala dos informantes, manifestando-se nas variadas faixas etárias e graus de escolaridade, porém tal forma se concentra significativamente nas faixas de mais baixa escolaridade. Acreditamos que esse fato pode ser explicado por Soares (1980), que afirma que este fenômeno decorre da insegurança do falante em relação a como se comportar frente ao interlocutor, tanto no que diz respeito à avaliação do papel que ele julga exercer, como do tipo de relação que devem manter. É também, conforme a autora, a evidência de um certo grau de evitação social.

Conforme os dados apresentados na tabela 04, vemos nas três classes de informantes na faixa etária de 15-24 a predominância do uso de *você*, aparecendo também duas ocorrências da forma *tu/você*. As formas *tu/você* apareceram nos inquiridos em que os informantes possuem maior escolaridade, fato que evidencia que a proximidade no grau de escolaridade dos sujeitos pode levar à simetria.

### 3.3 Comparando as formas de tratamento usadas pelos entrevistadores e pelos informantes.

A seguir, apresentamos a Tabela 05, em que os dados encontrados na análise dos dois grupos de sujeitos estão dispostos de modo a facilitar a comparação entre o tratamento dispensado e o tratamento recebido pelos sujeitos da pesquisa.

**Tabela 05: Usos das formas de tratamento usadas por informantes e entrevistadores**

Classe	Faixa Etária	Escolaridade	FORMA USADA PELO INFORMANTE – dirigindo-se ao entrevistador						FORMA USADA PELO ENTREVISTADOR								
			T	V	S	T/V	V/S	ZERO	T	V	S	T/V	V/S	ZERO			
1	15-24	0-4		30%					70%				70%			30%	-
2	15 - 24	5-8		70%					30%				100%				-
3	15- 24	8 - 11		100%									70%		30%		-
4	15 - 24	+11		100%									70%		30%		-
5	24 - 50	0-4		30%	30%				30%				30%	70%			-
6	24 - 50	5-8		70%					30%				30%	70%			-
7	24 - 50	8-11		70%					30%				30%	70%			--
8	24 - 50	+11		100%									70%		30%		-
9	+ 50	0-4							100%					100%			-
10	+ 50	5-8			30%				70%					70%		30%	-
11	+ 50	8-11		30%				30%	30%				70%			30%	-
12	+ 50	+11		70%			30%						100%				-

Observando os dados acima, vemos que nem sempre há simetria nas formas de tratamento usadas pelos sujeitos da pesquisa, nas trocas comunicativas. Este fato pode ser bem demonstrado pelas seguintes manifestações: 1- forma *senhor*, bastante usada pelos entrevistadores e pouco usada pelos informantes; e 2- uso abundante da forma zero somente pelos informantes.

Para o primeiro fato, acreditamos que umas das possíveis causas seja o papel social assumido pelos interactantes. Os entrevistadores tinham plena consciência de que estavam fazendo uma coleta de dados para uma pesquisa acadêmica, estavam assumindo o papel de pesquisadores; fato que pode levar a um maior grau de formalidade. Já os informantes sabiam apenas que estavam participando de um estudo, sem mais detalhes.

Para o segundo aspecto elencado – a ausência de forma de tratamento, bastante usada pelos informantes, pode ter como explicação a insegurança do falante em relação ao interlocutor, tanto no que diz respeito à avaliação do papel que ele julga exercer, como do tipo de relação que devem manter.

Nas falas dos informantes e dos entrevistadores, evidencia-se o uso expressivo do tratamento pronominal *você*. Podemos inferir que os sujeitos desenvolveram um maior policiamento na fala, utilizando o tratamento *você*, caracterizado como mais formal em relação ao pronome *tu*. Apesar da predominância do uso da forma *você*, constata-se, também, em alguns turnos de fala, a ocorrência do pronome *tu*, demonstrando que há uma concorrência entre um e outro tratamento dentro dessa comunidade lingüística.

### Considerações finais

Após este estudo, concordamos mais uma vez com Soares (1980) no sentido de que o estudo das formas de tratamento não deve se restringir apenas ao estudo dos pronomes pessoais usados para o endereçamento à segunda pessoa. Toda abordagem deveria entender que tais formas cobrem qualquer indicação à segunda pessoa para defini-la como participante do processo de comunicação.

Por fim, os resultados dessa breve pesquisa realizada na região do Cariri, no Ceará, demonstram a existência de um sistema ternário das formas pronominais ou pronominalizadas: *tu* /

*você / o (a) senhor (a)*. Os fatores que determinam a preferência por uma dessas formas podem estar relacionados com a situação de discurso e com o papel social desempenhado pelos interlocutores, a idade e o grau de escolaridade de cada um dos sujeitos. Dependendo das características dos interlocutores, quaisquer das três formas podem ser combinadas para expressar um tratamento igualitário ou deferencial.

## Referências

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 39ª ed. São Paulo. Ed. Saraiva, 1995.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 31ª ed. São Paulo, Ed. Nacional. 1987.
- CEREJA, R.; MAGALHÃES. *Gramática: texto, reflexão e uso*. São Paulo. Ed. Atual 1999
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- ILARI, R. et alii. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A.T; BASÍLIO, M (orgs), *Gramática do português Falado*. Volume IV Estudos Descritivos. Campinas, Editora da Unicamp, 2002. Vol. IV, p. 73 – 160.
- LABOV, W. The study of language in its social context. *Studium Generale*, vol. 23, 1970, pp. 30-87.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala da região Sul*. Curitiba. UFPR. 1996. Dissertação (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Letras. Área de concentração: Estudos Lingüísticos. Universidade Federal do Paraná, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. Curitiba. UFPR. 2004. Tese (Tese Doutorado) Programa de Pós-graduação em Letras. Área de concentração: Estudos Lingüísticos. Universidade Federal do Paraná, 2004.
- LOREGIAN-PENKAL, L. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. *Anais do Grupo Estudos Lingüísticos XXXIV*, Campinas: UNICAMP, 2005. Vol. I, p. 362-367.
- MODESTO, A. T. Formas de Tratamento em São Vicente: Julgamentos de Valor. *Anais do VI ENAPOL*. - Encontro de Alunos de Pós Graduação em Lingüística da USP, 2003.
- MODESTO, A. T. *Formas de Tratamento no português brasileiro: a alternância do tu/você na cidade de Santos – SP*. São Paulo. USP, 2006. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Universidade de São Paulo, 2006.
- MONTEIRO, J. L. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1991. Tese (Tese de Doutorado), Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- PROENÇA FILHO, D. *Noções de gramática em tom de conversa*. São Paulo: Ed. do Brasil, 2003.
- SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas; uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Rio de Janeiro. PUC, 1980. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- SOARES, M. E. Fatores Sociolingüísticos para o estudo das formas de tratamento no português do Brasil. *ABP-Zeitschrift zur portugiesischsprachigenwelt*, Colônia (Alemanha), v. 1, p. 4-28, 2003.
- SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Ed. Atual, 1994.
- SANTOS, J. C. D. *Tu ou Você? : uma questão de identidade cultural*. Rio de Janeiro. PUC, 2003. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- SILVA, L.A. Tratamentos familiares e referência dos papéis sociais. In: PRETI, Dino (org). *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.